SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS GERACIONAIS DO FUTEBOL DE MULHERES SERGIPANO: DA CATEGORIA DE BASE À ADULTA

GENERATIONAL SIMILARITIES AND DIFFERENCES IN WOMEN'S FOOTBALL IN SERGIPE: FROM YOUTH TO THE ADULT CATEGORY

SIMILITUDES Y DIFERENCIAS GENERACIONALES EN EL FÚTBOL FEMENINO DE SERGIPE: DE LAS CATEGORÍAS DE BASE A LA ADULTA

Tatiana da Silva Alcântara
https://orcid.org/0000-0003-2345-4294
Universidade Federal de Sergipe
São Cristóvão–SE, Brasil
tatialcantaraufs@gmail.com

Sandrielly Lavínia Andrade Santos
https://orcid.org/0000-0001-5475-5925
Universidade Federal de Sergipe
São Cristóvão–SE, Brasil
sannlavinia@gmail.com

Fernanda Rios Petrarca
https://orcid.org/0000-0003-1351-3043
Universidade Federal de Sergipe
São Cristóvão–SE, Brasil
fernandarpetrarca@gmail.com

Thayse Natacha Q F Gomes
https://orcid.org/0000-0003-4991-1238
Universidade Federal de Sergipe
São Cristóvão–SE, Brasil
thayse_natacha@hotmail.com

Resumo. O futebol de mulheres no Brasil perpassa por caminhos de lutas e resistências desde a sua chegada no país. Diante disso, a proibição da prática do futebol e de outros esportes por quase 40 anos, adicionada ao preconceito historicamente enraizado, culminou em uma introdução esportiva tardia e majoritariamente informal para mulheres. Nesse sentido, mesmo com a regulamentação da categoria em 1983, e o desenvolvimento evidenciado nos últimos anos, regiões mais distantes do eixo Rio-São Paulo seguem à margem desse processo evolutivo. Sob essa ótica, este trabalho tem como objetivo investigar contrastes e similaridades entre as categorias de base e adulta no contexto do futebol de mulheres em Sergipe. Assim, estabelecer uma comparação entre as categorias permitiu identificar diferenças nas inserções no ambiente esportivo, levando em consideração os aspectos socioculturais de uma sociedade que desvaloriza a prática do futebol por meninas e mulheres. A pesquisa apresenta um delineamento transversal, cuja coleta de dados envolveu o uso de questionários *online* e entrevistas, sendo a amostra composta por atletas que participaram do Campeonato Sergipano de Futebol Feminino adulto e Sub-17 nos anos 2024 e 2025. A análise de dados envolveu o uso da estatística descritiva (frequências relativas), bem como a apresentação de falas das atletas para ilustrar os resultados encontrados. Os resultados indicam que a rua é um espaço de iniciação relevante para os dois grupos analisados. Também foi possível compreender que no estado de Sergipe existem mudanças ocorrendo em relação ao futebol de mulheres, especialmente no que tange ao aumento de meninas praticando o esporte em ambientes escolares, fato destacado também pela participação cada vez maior de sergipanas em idade escolar no igualmente crescente número de competições nesse âmbito.

Palavras-chave: futebol de mulheres; futebol feminino; categorias de base; categoria adulta; Campeonato Sergipano de Futebol Feminino.

Abstract. Women’s football in Brazil has been marked by struggles and resistance since it arrived in the country. As a result, the ban on playing football and other sports for nearly 40 years, combined with historically entrenched prejudice, led to a late and largely informal introduction to sports for women. In this sense, even with the regulation of the sport in 1983 and the development seen in recent years, regions farther from the Rio-São Paulo axis remain on the margins of this evolutionary process. From this perspective, this study aims to investigate contrasts and similarities between youth and adult categories in the context of women’s football in Sergipe. Thus, establishing a comparison between the categories allowed us to identify differences in integration into the sports environment, taking into account the sociocultural aspects of a society that devalues the practice of football by girls and women. The study employs a cross-sectional design, with data collection involving the use of online questionnaires and interviews; the sample consisted of athletes who participated in the Sergipe Women’s Football Championship (adult and U-17 divisions) in 2024 and 2025. Data analysis involved

the use of descriptive statistics (relative frequencies), as well as the presentation of athletes' statements to illustrate the findings. The results indicate that the street is a significant initiation space for both groups analyzed. It was also possible to observe that in the state of Sergipe, changes are occurring regarding women's football, particularly regarding the increase in girls playing the sport in school settings, a fact further highlighted by the growing participation of school-aged girls from Sergipe in the equally growing number of competitions in this context.

Keywords: women's football; female football; youth categories; adult category; Sergipe Women's Football Championship.

1. INTRODUÇÃO

A construção histórica e sociocultural da sociedade subjugou a mulher em relação ao seu papel social e nos esportes. À vista disso, o futebol, que é uma das modalidades mais populares do mundo, foi criado por homens para atender aos próprios interesses e reafirmar o poder do patriarcado para além das esferas sociais (Dias et al., 2021). Nesse contexto, a participação e inclusão das mulheres nos espaços esportivos e na sociedade ocorreram através de lutas e de resistência impulsionadas pelas próprias mulheres (Alcântara et al., 2023).

Por muito tempo, a mulher foi vista como sexo frágil, cuja principal função social era reproduzir. Reprodução essa que julgavam ser passível de prejuízo mediante a prática de algumas atividades esportivas, como futebol, *rugby*, pólo aquático e boxe, alegando que o corpo da mulher, sua estrutura física e biológica, não era compatível com a prática esportiva. Apesar dessa visão machista e misógina, as mulheres conquistaram espaço dentro do universo esportivo e dentro da sociedade, fazendo-se presentes mesmo com todos os entraves existentes (Bonfim, 2023).

Nessa conjuntura, no contexto brasileiro, as mulheres foram proibidas, pelo Decreto-Lei 3.199 de 1941, de praticar as modalidades esportivas supracitadas, com os dizeres de:

> Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país (Decreto-Lei 3.199/41, art. 54).

O Decreto-Lei, que entrou em vigor no ano de 1941, só foi revogado em 1979, caracterizando um impedimento de quase 40 anos para a prática desses esportes por mulheres. No entanto, o fim da proibição não resultou em uma imediata regulamentação, que, por sua vez, só foi oficializada em 1983, ou seja, quatro anos depois. Apenas a partir deste ano foi liberado o acesso dos jogos aos estádios, bem como resultou no surgimento de outros times para além dos já existentes. No entanto, o preconceito que permeava a prática de futebol por mulheres não se extinguiu, sendo explicitamente vigente até os dias atuais (Santos, 2024).

Diante disso, a proibição da prática do futebol e de outros esportes por quase quatro décadas, adicionada ao preconceito historicamente enraizado, levou as mulheres a uma introdução esportiva tardia e majoritariamente informal. Logo, o processo de iniciação esportiva na modalidade, entre meninas, é relativamente recente, no sentido de oportunidades de práticas sistematizadas e de competições estruturadas, quando comparadas aos meninos. Enquanto, por um lado, observa-se a existência de uma iniciação e formação esportiva precoce para os meninos, o oposto é observado para as meninas, ou seja, iniciação e formação esportiva tardia ou, muitas vezes, inexistente, o que dificulta a inserção, permanência e desenvolvimento desse público na modalidade (Silva et al., 2022).

Nesse sentido, fomentar o desenvolvimento das categorias de base nas categorias femininas é fundamental para subsidiar as equipes adultas e, principalmente, para incentivar a participação de meninas no esporte/futebol, desde a infância. Isto porque, quanto mais previamente houver a iniciação em alguma prática esportiva, aliada ao desenvolvimento das

competências e habilidades motoras, maior é a probabilidade de que crianças e adolescentes permaneçam e perpetuem a prática de atividade física ao longo da vida adulta (Stodden et al., 2008).

Não obstante, um importante contexto, e de possível primeiro contato formal com as práticas esportivas, é o ambiente escolar. Entretanto, historicamente, a Educação Física Escolar também se constituiu como um espaço preconceituoso e excludente para com as meninas e mulheres, o que Altman (2015) chamou de "ocupação generificada". Levando isso em consideração, uma etapa anterior à inserção nas modalidades esportivas consiste na oportunização de estímulos e fomentos equivalentes para meninos e meninas, possibilitando a participação conjunta, sem distinções de gênero, intencionando reduzir estigmas sociais (de Souza Júnior & Darido, 2002).

Para tanto, o envolvimento de meninas nesses espaços historicamente proibidos e negligenciados para elas, do mesmo modo que o início e a permanência nesses ambientes e práticas, representam atos de resistência, empoderamento e afirmação de direitos. À vista disso, esses fatores relacionados à construção histórica revelam que o futebol de mulheres vem passando por um período de ascensão, visibilidade e notoriedade no cenário nacional e mundial (Ministério das Mulheres, 2025). No entanto, no território brasileiro, esse desenvolvimento permanece centrado nas principais regiões do país, o que justifica a busca pela compreensão de realidades das regiões mais distantes do eixo Rio-São Paulo, que estão à margem desse processo evolutivo (Accocella et al., 2023).

Nesse contexto, investigar outras regiões, sobretudo a região Nordeste, onde há poucos estudos nesse campo de investigação, pode fornecer respostas que permitam entender não apenas a precariedade na existência de oportunidades de prática (quando elas existem), bem como servir de subsídios para que estratégias possam ser elaboradas sob a perspectiva de viabilizar oportunidades a este público, considerando as perspectivas e possibilidades de cada local. Adicionalmente, compreender tais aspectos considerando diferentes gerações, pode permitir melhor entender a existência de possível gap geracional em tal cenário.

Entendido como as diferenças geracionais, ou seja, as mudanças de uma geração para a outra, o citado gap geracional decorre a partir de diferenças/mudanças de cunho social, cultural e pessoal. Partindo dessa perspectiva, há poucos trabalhos que explorem essas divergências, como e por que elas ocorrem, especialmente pensando na formação de atletas do futebol de mulheres (Dantas, 2022). Ao abordar tal aspecto, o presente trabalho pode contribuir para um melhor entendimento das possíveis mudanças no futebol de mulheres em processo. No trabalho em questão, as distintas gerações consideradas foram as atletas que competem na categoria adulta e na categoria de base (que ainda chegarão à categoria adulta). Com base nisso, torna-se viável buscar alternativas de promoção da prática da categoria, bem como entender as mudanças socioculturais que vêm ocorrendo nesses espaços.

Ainda em consonância com as diferenças regionais, a região Sudeste configura-se como a principal representante no que diz respeito ao desenvolvimento do futebol de mulheres, devido à concentração de recursos financeiros e de comunicação (Santos, 2022). No estado de São Paulo, especificamente, esse processo é intensificado e notabilizado por meio das ações da Federação Paulista de Futebol. Em função dessa centralidade, observa-se uma maior concentração de times no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino oriundos da região Sudeste, como pode ser ilustrado, por exemplo, pelo ocorrido no ano de 2023, quando não houve equipes representantes da região Nordeste na referida competição, evidenciando uma lacuna nesse processo. Outrossim, as atletas que compõem essas equipes, em sua maioria, advêm dessas regiões historicamente mais favorecidas (Barreira et al., 2025; Batista et al., 2025).

Ao investigar a realidade do futebol de mulheres em Sergipe sob o recorte da temporada de 2024, Souza (2024) encontrou, entre os dados e informações coletados, a forte presença do

amadorismo e da precariedade da estrutura oferecida às atletas, assim como a ausência de calendário ao longo do ano e de visibilidade. Isso demonstra a vulnerabilidade de ações políticas e federativas locais para desenvolver o futebol de mulheres e reflete a disparidade que o estado enfrenta em relação ao cenário nacional, em especial ao eixo Rio-São Paulo. Além disso, a autora identificou que há poucos estudos sobre a prática do futebol de mulheres em Sergipe, revelando uma lacuna a ser preenchida para buscar ações concretas que fortaleçam o futebol de meninas e mulheres no estado (Souza, 2024).

Ainda assim, a história do futebol de mulheres em Sergipe acompanha o silenciamento e a invisibilidade da categoria a nível nacional. Portanto, a obscuridade dos aspectos geracionais e regionais no estado é uma lacuna a ser preenchida, para entender partes do processo de inserção de meninas e mulheres nesse espaço esportivo, bem como as modificações socioculturais que acontecem ao longo do tempo.

Considerando essa questão, este artigo objetiva investigar contrastes e similaridades entre as categorias de base e adulta no contexto do futebol de mulheres em Sergipe, de forma a possibilitar a interpretação de mudanças e permanências em relação ao processo de iniciação futebolística de diferentes gerações. Sob essa ótica, o presente trabalho poderá fornecer respostas que permitam melhor compreender o desenvolvimento da categoria no estado, especialmente diante das regulamentações impostas pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), seguida da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) e, por conseguinte, pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que afetam, direta e indiretamente as práticas do futebol da iniciação à profissionalização.

2. METODOLOGIA

Visando ao alcance dos objetivos, esta pesquisa caracteriza-se como observacional, de delineamento transversal, e descritiva, fazendo uso de abordagem quantitativa e qualitativa, e foi desenvolvida com atletas que participaram do Campeonato Sergipano de Futebol Feminino adulto e Sub-17 nos anos de 2024 e 2025. Desse modo, a seleção das participantes ocorreu por meio de amostragem não probabilística por conveniência, considerando o acesso e a disponibilidade das atletas participantes. Àquelas da categoria adulta foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); enquanto as atletas do Sub-17 participaram do estudo após a autorização dos responsáveis legais, mediante assinatura do TCLE, bem como a concordância das atletas, mediante assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer nº 93127625.7.0000.5546. A amostra foi composta por 26 atletas, sendo 13 da categoria Sub-17, e 13 da categoria adulta, contactadas a partir da intermediação de treinadores (as) (previamente contactados/as) ou terceiros (outras jogadoras da equipe), ou de forma direta. Ademais, foram excluídas aquelas que não responderam, na íntegra, aos questionários utilizados para coleta de dados.

Para a coleta de dados, fez-se uso de um questionário estruturado, disponibilizado *online*, via *Google Forms*, e entrevista, para as atletas inscritas nas competições que aceitaram participar da pesquisa. Questionários diferentes, quando considerado todo o instrumento, foram utilizados para a coleta de dados consoante grupo etário, ou seja, fez-se uso de um questionário específico para as atletas do Sub-17, e um outro questionário específico para as atletas da categoria adulta. Contudo, os questionários apresentam perguntas semelhantes, as quais foram utilizadas no presente trabalho, como forma de permitir as comparações desejadas (Quadro 1). As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas pelas pesquisadoras.

Quadro 1. Perguntas presentes no questionário

Perguntas	Possibilidade de resposta (aberta/fechada)
Qual a sua faixa etária?	Fechada

Perguntas	Possibilidade de resposta (aberta/fechada)
Data de nascimento[§]	Fechada
Onde começou a jogar?*	Fechada
Quando começou a jogar?*	Fechada
Com quem jogava quando iniciou a prática?*	Fechada
O que te levou ao primeiro contato com o futebol?[¥]	Aberta
Descreva de que forma se deu seu primeiro contato com o futebol – se teve influência de alguém, o local/ambiente, etc)[§]	Aberta

*Pergunta comum às duas categorias; [¥]Pergunta realizada apenas para atletas da categoria adulta; [§]Pergunta realizada apenas para atletas da categoria Sub-17

Desta forma, as perguntas que compõem o presente trabalho versam sobre o primeiro contato com o futebol, a idade aproximada em que esse início ocorreu, em qual espaço/local/contexto deu-se a iniciação (rua, escola, escolinhas e outros), e sobre a composição das turmas/equipes durante a iniciação esportiva (mista, com meninos e meninas jogando/treinando juntos; ou exclusivas para meninas). Os questionários compreenderam perguntas fechadas (múltipla escolha) e abertas, onde estas últimas permitiram que as atletas fornecessem informações mais detalhadas com falas sobre suas realidades, abrindo espaço para um maior aprofundamento dessa experiência.

A análise de dados envolveu estatística descritiva, a partir do uso de frequências relativas, realizada no Excel. De modo a ilustrar os resultados encontrados, foram utilizadas partes das respostas dadas pelas jogadoras nas questões abertas do questionário e nas entrevistas, mas sem realização de análise das falas/relatos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Do conhecimento sobre o futebol por meio da televisão à própria prática, existem muitos atravessamentos e nuances na experiência de meninas e mulheres. Nesse sentido, a análise do processo de iniciação dessas jogadoras não é apenas um percurso esportivo individual, mas uma representação do contexto em que a prática do futebol de mulheres no estado de Sergipe está inserida.

Nesta seção serão apresentados os resultados obtidos a partir das perguntas específicas supracitadas dos questionários, e considerações acerca das diferenças e semelhanças encontradas.

3.1 Categoria adulta

A categoria adulta é uma forma bastante ampla de reunir jogadoras, pois a distinção entre categorias de base e adulta é, essencialmente, associada à idade cronológica da atleta em qualquer esporte. Considerando a realidade sergipana de ausência de uma categoria sub-20, as jogadoras a partir de 18 anos precisam, para continuar jogando, estar vinculadas a um clube na categoria adulta. Nesse sentido, o intervalo diverso de idades das atletas que compuseram a amostra demonstra uma variedade de gerações tão relevante quanto a comparação entre categoria de base e adulta que será realizada posteriormente.

O Gráfico 1 mostra a variedade de idades, com maior concentração nas faixas etárias de 18 a 21 anos (23,1%), de 22 a 25 anos (23,1%) e de 33 a 35 anos (23,1%). Essa presença de jogadoras com idades a partir dos 30 anos demonstra um maior tempo de experiência com a prática do futebol, especialmente se compararmos com os resultados apresentados no Gráfico 3.

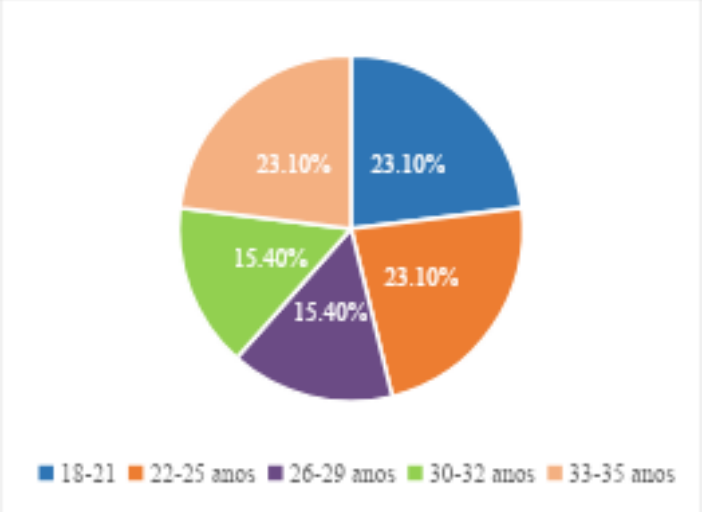


Gráfico 1: Distribuição das idades das atletas da categoria adulta
Fonte: Elaborado pelas autoras (2026)

Diante dessas questões, foi possível identificar um número relevante de jogadoras que atuam na categoria adulta e tiveram o primeiro contato com o futebol na rua.

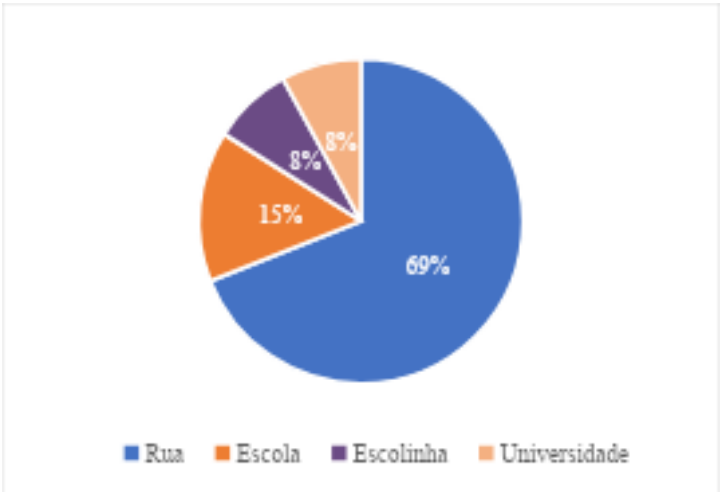


Gráfico 2 traz consigo não só a indicação de que 69% das atletas da categoria adulta iniciaram a prática na rua, mas também demonstra a exclusão de experiências para além da rua, da escola, da universidade e da escolinha, pois a opção “outros” estava presente e não foi assinalada. Destaca-se também que, apesar de a escola estar em segundo lugar entre os espaços de iniciação, esta representa 15% do total de experiências. Nesse mesmo contexto, 46,2% delas afirmaram ser a única menina na turma de meninos quando começaram a jogar. Esses dados revelam uma característica importante da primeira experiência dessas atletas: jogar na rua e com meninos.

Br. J. Ed., Tech. Soc., v.19, n.se1, p.55-69, 2026
DOI https://doi.org/10.14571/brajets.v19.nse1.55-69
ISSN 2316-9907

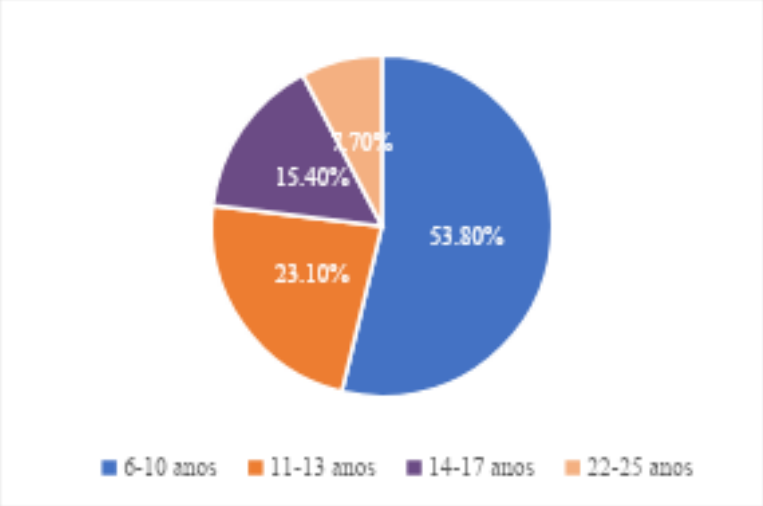


Gráfico 3. Distribuição da idade de início na modalidade das atletas da categoria adulta (respostas à pergunta "Quando começou a jogar?")

Por outro lado, a idade em que as jogadoras da categoria adulta começaram o processo de iniciação chama atenção. O intervalo etário entre 6 e 10 anos foi o mais reportado (53,8%), o que demonstra um início na modalidade ainda muito jovem, apesar de poucas delas terem esse primeiro contato na escola. Essas respostas podem indicar a influência de ambientes informais, como campinhos públicos ou improvisados no meio da rua, para a introdução das meninas não só à prática, mas ao gosto pelo esporte.

Com esse panorama em mente, a pergunta acerca do que levou essas mulheres ao futebol permitiu conhecer um pouco mais sobre o contexto em que estavam inseridas nesse momento de iniciação. As respostas foram bastante variadas, desde a família toda ser fã e praticar, até a autorreflexão a partir do questionamento "você torce pra qual time?".

> *Teve a influência, além da família, de uns primos que falavam "ah, pra que time você torce?" E na época não tinha nenhum time, só via, assim, passar na televisão [...] Aí comecei na rua com os vizinhos e na escola [...], depois comecei a acompanhar o meu irmão nos jogos que ele ia jogar com os amigos"* (Atleta 1).
>
> *"Eu comecei no futsal, conheci quando eu era criança. Eu morava no interior, então os meninos jogavam numa escolinha de futsal lá e eu jogava sempre com eles na rua"* (Atleta 2).
>
> *"A maioria da minha família jogava futebol, minha mãe, meu pai, alguns tios, primos, todo mundo é do meio do futebol. E aí, desde criança, já desde os meus cinco anos, eu comecei a jogar futebol"* (Atleta 3).

A maioria das histórias mostra como as atletas começaram a praticar ao ver e conviver com os meninos que jogavam e queriam participar. Com exceção da Atleta 3, que via na própria família as mulheres praticarem, as outras mencionaram apenas homens nos seus primeiros contatos com o futebol. Essa informação é relevante para o entendimento da conjuntura em que elas estão inseridas.

3.2 Categoria de base

Comumente, as categorias de base são divididas em Sub-7, Sub-9, Sub-11, Sub-13, Sub-15, Sub-17 e Sub-20, sejam em escolinhas ou em clubes, como uma estratégia para minimizar as diferenças oriundas de mudanças físicas/biológicas inerentes ao processo de crescimento e desenvolvimento de crianças e adolescentes, que podem ser vislumbradas não apenas em características morfológicas dos sujeitos, mas também em habilidades motoras e capacidades

físicas e coordenativas. No entanto, no que concerne às categorias de base feminina, a única existente em Sergipe para a competição de futebol de campo é a Sub-17, que abrange meninas com idades entre 11 e 17 anos. Esse fato possui diversas implicações que, por estarem além do escopo desta pesquisa, não serão discutidas. Para tanto, no presente trabalho, as respostas foram concentradas nas atletas com idades entre 14 e 17 anos, levando em consideração o acesso e a facilidade de obter respostas nessa faixa etária e a maior aceitabilidade por parte dos responsáveis.

A partir da aplicação do questionário, foram obtidas as respostas apresentadas e organizadas nos Gráficos a seguir. Das atletas participantes da pesquisa, no tocante à idade, a maioria tinha entre 14 e 16 anos, sendo 16 anos a idade predominante (Gráfico 4). Todavia, ainda é possível observar que há uma variabilidade na faixa etária dessas meninas, evidenciando a participação de meninas mais jovens, que ainda estão em processo de desenvolvimento, comparativamente às demais que compartilham a mesma dinâmica de treino/competição, mas podem possuir uma experiência esportiva anterior. Essa conjuntura é capaz de tornar o ambiente um possível segregador, no que se refere à inclusão e à participação das meninas menos experientes e, consequentemente, menos desenvoltas em algumas habilidades.

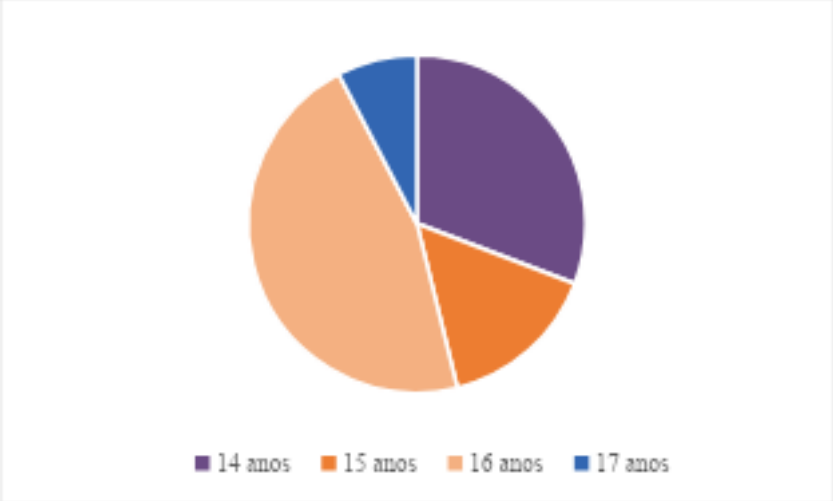


Gráfico 4: Distribuição das idades das atletas da categoria Sub-17

O Gráfico 5 aponta que mais de 50% das meninas começaram a jogar na rua, seguido da escola (30,8%) e da escolinha de formação (7,7%). Esses dados revelam que a rua permanece como um espaço significativo no que concerne aos primeiros passos das atletas. Por outro lado, o contexto escolar denota destaque nesse processo inicial.

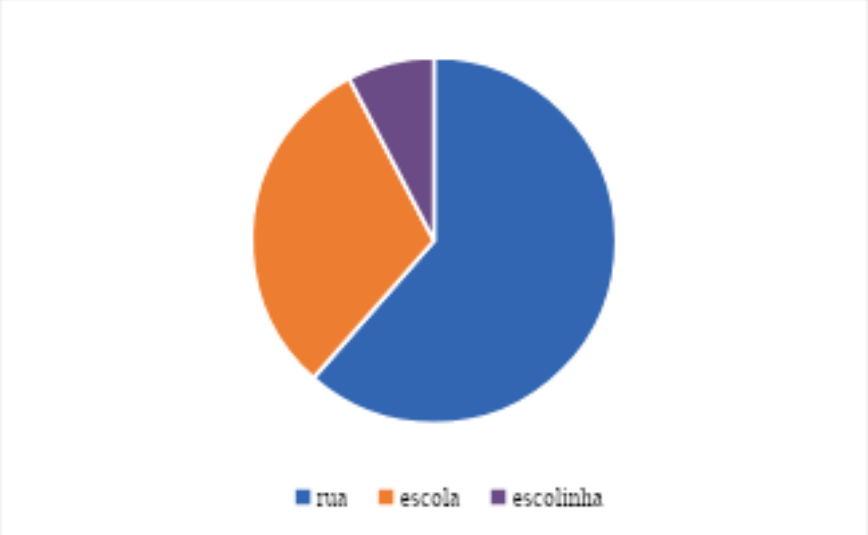


Gráfico 5: Distribuição do local onde as jogadoras da categoria Sub-17 reportaram ter iniciado a prática do futebol (resposta à pergunta “Onde começou a jogar?”)

Outrossim, ao investigar a idade de início na prática do futebol, apresentada no Gráfico 6, a maioria relatou ter iniciado aos 12 anos, representadas percentualmente por 38,46%. Ademais, quando observados os extremos, a percentagem daquelas que reportaram ter iniciado aos 16 anos e aos 6 anos foi de 7,69%, para cada idade.

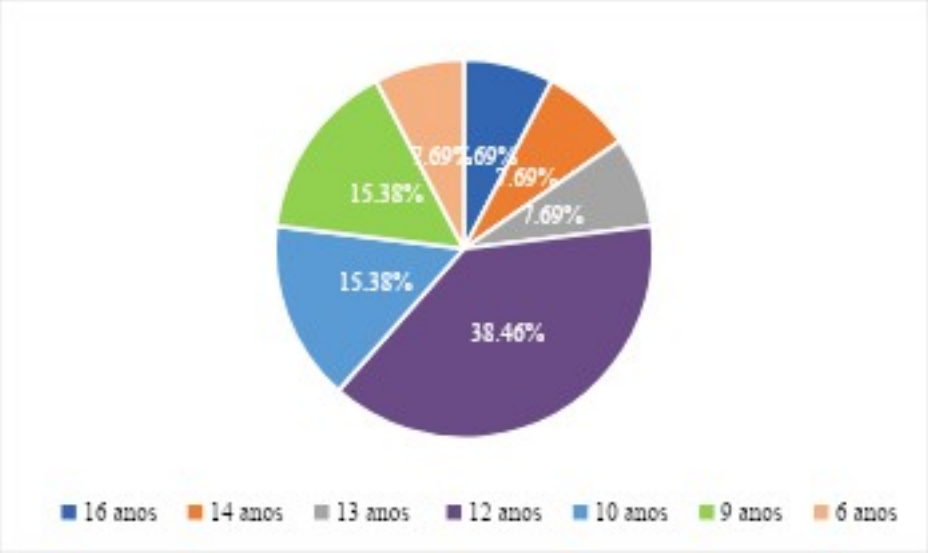


Gráfico 6: Distribuição da idade de início na modalidade das atletas da categoria Sub-17 (respostas à pergunta “Quando começou a jogar?”)

Em relação a como se deu o primeiro contato das atletas da categoria Sub-17 com o futebol, a maioria das atletas relatou que o primeiro contato com a modalidade foi através da influência de familiares e de amigos da rua. Por outro lado, uma das respostas especificamente relatou a existência de um time feminino na cidade como fator impactante para sua inserção no futebol, como abaixo transcrito:

> *Meu primeiro contato com o futebol aconteceu quando criaram um time feminino na minha cidade. No começo, não entrei de imediato por medo e vergonha, mas sempre observava de longe. Com o tempo, a vontade só cresceu, até que uma amiga me chamou para ir um dia, apenas para ver como era. A partir daquele momento, tudo mudou. Fui, me apaixonei pelo*

> *ambiente, pela energia e pela sensação de estar ali. Desde aquele dia, nunca mais saí. O futebol se tornou parte de mim e da minha história* (Atleta 4).
>
> *Eu comecei a gostar do futebol por contar dos meu irmão e amigos, eles jogavam na rua e nisso comecei a jogar, nisso eu comecei a desenvolver e percebi q o futebol era minha maior paixão* (Atleta 5).

Ademais, outra resposta marcante foi a participação no projeto Academia e Futebol, na Universidade Federal de Sergipe, realizado em parceria com escolas públicas locais, o que demonstra a importância de projetos sociais na vida dos participantes.

> *Meu primeiro contato com o futebol foi no projeto da universidade federal de Sergipe-ufs* (Atleta 6).

Portanto, essa situação revela a importância da representatividade de meninas e mulheres nos espaços esportivos, visto que a presença feminina contribui para encorajar e despertar o interesse de novas adeptas à modalidade.

3.3 Comparação entre os resultados e perspectivas

A partir dos resultados mencionados acima, é possível tecer comparações de modo a interpretar semelhanças e diferenças no futebol de mulheres em Sergipe. O processo de iniciação de atletas das duas categorias demonstra diferenças aparentemente sutis, mas que indicam mudanças tanto no espaço que o futebol de mulheres vem conquistando, como alterações nas dinâmicas sociais mundiais e que impactam direta ou indiretamente a realidade local.

Um exemplo disso é que, ao considerarmos as diferenças entre as categorias estudadas como mudanças no cenário do futebol estadual, a escola passou a ter maior relevância como um ambiente de iniciação, já que, enquanto 15% das atletas da categoria adulta reportaram terem iniciado a prática no contexto escolar, dentre as atletas da categoria Sub-17 este percentual mais que dobrou, 30,8%. Tal diferença pode ser, possivelmente, resultado de uma maior acessibilidade, suporte e aceitação das meninas à prática, bem como o aumento do envolvimento com os jogos escolares, como os Jogos Escolares Brasileiros (JEBs) em que o futsal feminino de Sergipe alcançou o 3º lugar (Confederação Brasileira de Desportos Escolares, 2025).

No entanto, o ambiente informal, a rua, ainda exerce um papel relevante para o início da prática, mostrando-se como um ambiente propício para o primeiro contato de meninas com a modalidade, visto que 65% da amostra total indicou tal ambiente como resposta à pergunta sobre este aspecto.

Apesar de a passagem dos anos dar uma ideia de que o futebol de mulheres está dando novas oportunidades para as meninas em escolas e, consequentemente, experiências menos informais, a idade de iniciação das jogadoras que participaram da pesquisa indica uma diferença importante no que tange ao momento em que esse processo aconteceu. As atletas da categoria adulta responderam que o primeiro contato com a prática do futebol ocorreu entre os 6 e 10 anos, enquanto as atletas do Sub-17 reportaram o início na prática, em sua maioria, a partir dos 12 anos de idade. Essa distinção mostra que mesmo com a ampliação de turmas em escolinhas e das atividades de futebol com meninas no ambiente escolar (seja nas aulas de educação física ou em atividades no contraturno), o processo de iniciação na modalidade tem começado mais tarde quando comparado com as atletas adultas.

Embora atualmente haja maiores possibilidades e oportunidades de prática devido às conquistas e a ascensão do futebol de mulheres, esse início mais tardio observado entre as atletas da categoria de base pode estar relacionado a diferentes fatores, tais como: a um maior e mais fácil acesso às telas, que tem levado a uma redução do nível de atividade física de crianças e jovens e, por conseguinte, a um menor envolvimento em prática esportiva

(Champion et al., 2019); ao aumento da criminalidade e insegurança, que tem levado crianças e jovens a explorarem cada vez menos os ambientes do bairro para brincar e praticar esportes (Cassiano et al., 2017); e o (ainda presente) preconceito social associado à prática de determinadas atividades por mulheres, como o futebol.

Scaglia (1999) já alertava sobre como os ambientes urbanos têm se tornado, progressivamente, menos um local para diversão entre crianças e mais um espaço para veículos, além de que "os demais espaços vazios, onde eram construídos os campinhos, transformam-se rapidamente em canteiros de obras" (Scaglia, 1999, p. 19). As escolinhas de futebol surgem, nesse contexto, para dar oportunidade de jogar sem se preocupar com os perigos que os carros, motos e caminhões trazem às brincadeiras na/de rua.

Segundo Godoy e Zaim-de-Melo (2024), o afastamento de crianças em relação à rua e priorização de espaços formais para a prática de esportes estão relacionados a receios advindos dos responsáveis, como por exemplo o aumento no perigo do trânsito e possibilidades de sequestro ou assalto. Partindo desses cenários imaginados pelos pais e que implicam a diminuição das brincadeiras de rua, os autores afirmam ter percebido, entre os sujeitos da sua pesquisa, que esses responsáveis normalmente investem em atividades extraclasse como escolinhas, visando possibilitar um "futuro melhor" para as crianças em um contexto de mercado capitalista. Os responsáveis, nesse contexto, pensam que brincar/praticar esportes em lugares fechados ou, teoricamente, controlados, permite à criança mais segurança e preparo para a vida adulta.

No entanto, ainda que esse cuidado seja importante, a necessidade de espaço formal para que haja a prática de esportes favorece o aumento da inatividade física, como também a redução do envolvimento esportivo "precoce", uma vez que a iniciação acontece posteriormente. Isto implica, especialmente no caso das meninas, a redução da probabilidade de elas incorporarem hábitos fisicamente ativos para a vida adulta (Stodden et al., 2008). Do mesmo modo, dificulta e atrasa o processo de desenvolvimento motor e a aquisição das habilidades motoras fundamentais e específicas, impactando na formação dessas atletas.

Nesse sentido, embora o futebol de mulheres tenha conquistado maior visibilidade nos últimos anos, a transformação nas formas de iniciação esportiva com a crescente dependência de ambientes formais, como escolinhas, pode gerar impactos negativos no processo de formação de atletas, pois reduz o acesso espontâneo, cotidiano e gratuito à prática. Todavia, as escolinhas são, em sua maioria, espaços privados de prática esportiva, o que significa que o acesso a elas ocorre mediante o pagamento de taxas/mensalidades, restringindo o acesso à grande parte da população, especialmente em um estado como Sergipe, em que mais de 40% da população encontra-se na faixa da pobreza e da extrema pobreza (Seasic, 2025).

Tal cenário conduz ao cerceamento da possibilidade dessas crianças acessarem os esportes em tenras idades, salvo quando tal prática é oportunizada no ambiente escolar, para todas as suas turmas, sem distinção de idade e gênero. Importante mencionar a função social que as escolas de esporte no estado de Sergipe, enquanto ambientes gratuitos, têm nesse processo de iniciação esportiva. Contudo, a quantidade de vagas não faz jus ao grande número de crianças em idade escolar passíveis de serem atendidas.

Ademais, os dados que demonstram a tendência do futebol de mulheres sergipano estar saindo de uma iniciação precoce e informal na rua para uma iniciação mais tardia, em uma versão mais institucionalizada no espaço da escola, trazem a importância de pensar sobre o papel desempenhado por um outro sujeito desse processo: o profissional de Educação Física. Em seu exercício profissional, o professor traz a relevância da mediação pedagógica para a inserção de meninas nos esportes. O aumento na presença de meninas nas escolinhas e na participação em esportes como futsal e futebol nas escolas promoveu mudanças em relação às turmas, que antes eram em sua maioria compostas por meninos. Aumenta, assim, a relevância deste profissional avaliar continuamente formatos de turma mais adequados à realidade e às

necessidades do seu público, ajustando as dinâmicas das atividades de modo a evitar processos de invisibilização, exclusão ou desistência decorrentes de comparações constantes entre os alunos, especialmente em contextos marcados por desigualdades prévias de acesso e experiência esportiva.

O avanço desse processo permite refletir sobre diferentes formatos de organização das turmas, como grupos exclusivamente para meninas ou turmas mistas. No primeiro caso, observa-se uma tendência de as meninas se sentirem mais seguras, participativas e visíveis, o que pode favorecer sua permanência no futebol. Contudo, esses resultados não são exclusivos das turmas de meninas, podendo também ser alcançados em turmas mistas, desde que haja mediação adequada. Assim, as turmas mistas não devem ser descartadas, mas constantemente avaliadas e ajustadas conforme as necessidades e dinâmicas do grupo. Se, por um lado, a presença de meninas em atividades esportivas é uma evolução importante, e a existência de turmas compostas apenas por meninas demonstra isso; por outro, não há como excluir da equação as invisibilidades mesmo em espaços como as turmas exclusivas para elas. Isso se dá, pois, períodos de inserção e adaptação diferentes podem resultar em níveis de experiências e desenvolvimento de habilidades distintos em qualquer formato de turmas.

Corroborando com o presente trabalho, um estudo que investigou 171 mulheres de todas as regiões do Brasil, com idades entre 11 e 59, encontrou resultados semelhantes em relação ao primeiro contato com o futebol, prevalecendo a escola e a rua como os locais em que este contato primeiro ocorreu (Furlan & Oliveira, 2023). Esses achados reforçam o potencial da escola como ambiente oportuno para a iniciação esportiva. Além disso, indica a necessidade de um ambiente incentivador, a exemplo da família. Entretanto, os sistemas sociais também exercem seu papel de influência nesse processo, interferindo na ampliação e na redução das oportunidades da inserção e permanência das meninas/mulheres no esporte.

As respostas sobre como começaram na prática da modalidade e níveis de influência de outros atores para o envolvimento delas no esporte, são fundamentais para entender o que foi relevante para que meninas conhecessem o futebol e, posteriormente, se engajassem no esporte a ponto de se tornarem jogadoras. As atletas participantes desta pesquisa se inspiraram em familiares, sejam eles homens ou mulheres, evidenciando a importância do capital esportivo para o desenvolvimento do interesse pela prática para além de aspectos lúdicos.

Por definição, o capital esportivo é um tipo de capital socialmente adquirido que permite aos indivíduos conhecer, participar, entender e até se destacar no ambiente esportivo. Ele é construído ao longo da vida por meio das experiências com o esporte, além da socialização familiar, da escola, da educação física e de outros espaços de formação como as escolinhas (Bungenstab et al., 2022). Assim como Bourdieu (1989) defende a influência do capital cultural para o desempenho escolar; Bungenstab et al. (2022) afirmam que o interesse e desenvolvimento esportivo, sejam eles lúdicos ou profissionais, dependem da construção do capital esportivo ao longo da trajetória e da socialização do indivíduo. Nos resultados encontrados, para ambas as categorias, os familiares foram mencionados como as primeiras referências, seja como modelo ou como incentivadores, reforçando um dos caminhos para que elas adquirissem o capital esportivo. Assim, a participação de meninas no futebol promove

> [...] reflexões acerca da participação feminina em esportes considerados culturalmente como masculinos, a fim de promover debates sobre a inclusão e participação de todos/as não apenas nos esportes, mas nas aulas de educação física e em todos os espaços que acabam por reproduzir estruturas societárias excludentes (Dias et al., 2021).

Diante da interpretação dos resultados, é possível perceber que, embora haja avanços na inserção das meninas em ambientes escolares na prática do futebol, persiste a iniciação tardia e desigual, marcada também por barreiras estruturais e regionais no estado de Sergipe. Portanto, as nuances aqui apresentadas são de relevância para suscitar o planejamento de

estratégias que garantam a permanência e desenvolvimento das atletas já inseridas na prática, e iniciação às meninas que futuramente poderão fazer parte desse grupo, objetivando fortalecer o futebol de mulheres em Sergipe.

Não obstante a relevância dos achados, o presente trabalho apresenta algumas limitações. O caráter descritivo não nos permitiu aprofundar acerca dos discursos das atletas, mas buscar-se-á realizar isto no futuro. Visto que os dados são oriundos de duas pesquisas de mestrado, as análises dos discursos das atletas, bem como suas interpretações, irão compor o trabalho final das investigadoras. O tamanho amostral, de apenas 26 atletas (13 de cada categoria), apesar de, aparentemente pequeno, é condizente com a realidade do futebol de mulheres em Sergipe, visto que o campeonato adulto contou, em 2025, com apenas sete[1] clubes, ao passo que o Sub-17 teve apenas cinco inscritos. Além disso, o trabalho também não permite uma análise sólida entre as gerações, a partir de um olhar sobre as mudanças passíveis de serem observadas ao longo do tempo entre- e intra-gerações, dado o delineamento transversal da pesquisa. Contudo, os resultados encontrados, ao apresentar que tais diferenças existem, alicerçam pesquisas futuras que busquem voltar o olhar para estas diferenças sob um delineamento longitudinal.

O trabalho, porém, também apresenta pontos fortes, dos quais destaca-se o olhar para uma modalidade pouco estudada no estado, e focando a comparação entre as gerações, que permite apontar algumas implicações dos resultados encontrados. Assim, reconhecer diferenças e semelhanças como forma de perceber mudanças e continuidades possibilita também identificar caminhos para melhorias das condições de meninas e mulheres no que tange ao futebol. A ampliação da presença de meninas em ambientes esportivos escolares, em competições municipais e em projetos sociais, como o mencionado Academia e Futebol, indica que estão surgindo formas de tornar o futebol de mulheres mais acessível, oferecendo oportunidades de inserção. No entanto, ainda existem diferenças relativas ao momento de iniciação entre as próprias atletas, o que significa que há vivências e oportunidades divergentes, diante do contexto sociocultural em que o sujeito está inserido.

Ressalta-se, também, o importante papel do profissional de Educação Física em tornar o ambiente seguro e acolhedor, especialmente por acompanhar crianças e adolescentes. Essa preocupação é fundamental para assegurar não apenas a inserção, mas também a permanência na prática, dada uma maior evasão nas práticas esportivas por meninas, em virtude de fatores diversos, com destaque àqueles de cunho sociocultural. Com isto em prática, é possível vislumbrar, em um futuro talvez não muito distante, maior número de meninas e mulheres praticando diferentes modalidades esportivas, sem receio e sem rótulos de que “isso não é para meninas/mulheres”.

4. CONCLUSÕES

Este artigo teve como objetivo a busca por similaridades e diferenças entre as categorias Sub-17 e adulta no contexto do processo de iniciação de jogadoras que participaram do Campeonato Sergipano de Futebol Feminino em suas respectivas categorias, nos anos de 2024 e 2025. Diante da comparação estabelecida, foi possível identificar que a maioria das atletas começou a jogar com meninos e na rua, com a porcentagem dessas especificidades variando entre as categorias, especialmente no sentido de ampliar a participação da escola e de turmas mistas no processo de iniciação das meninas do Sub-17. Por outro lado, as jogadoras adultas começaram a ter contato com o futebol em uma idade anterior, isto é, esse processo tem começado mais tarde para as mais novas.

Nota-se, portanto, que o futebol de mulheres em Sergipe é um espaço de mudanças, especialmente no que tange ao aumento de meninas praticando em ambientes escolares. Logo,

[1] Importante ressaltar que um clube foi excluído da competição por meio de decisão unânime do Tribunal de Justiça Desportiva de Futebol de Sergipe (TJD/SE).

o crescente número de competições escolares, que vêm ocorrendo no estado, pode ser visto como um potencializador da prática esportiva por essas meninas, que veem nas competições uma forma de testar suas habilidades e o trabalho em equipe, além de um ambiente de pertencimento, onde elas podem e desejam estar.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Capes e à Fapitec pelo suporte à pesquisa dado às investigadoras principais deste trabalho. O investimento público foi de suma importância para a realização das pesquisas de campo que pautaram esta escrita. A comunicação entre os departamentos e o comportamento solícito das orientadoras permitiram que a interdisciplinaridade e o fortalecimento mútuo fossem expressos na forma deste artigo.

REFERÊNCIAS

Accocella, L. R., Silva, L. F. N., Martins, M. Z., & Galatti, L. (2023). Da proibição à ascensão: Mapeamento geográfico dos locais de nascimento das atletas e dos clubes de futebol de mulheres participantes do campeonato brasileiro. *Motrivivência, 35*(66), 1–17.

Alcântara, T. da S., Barbosa, M. L., Vieira, D., Thuany, M., & Gomes, T. N. Q. F. (2023). O desenvolvimento de atletas no futebol feminino: Contexto histórico e perspectivas futuras. *In* V. M. da Conceição (Org.), *Educação Física: ciência e perspectiva* (Vol. 1). Editora Científica.

Altmann, H. (2015). Marias (e) Homens nas Quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. *Educação & Realidade*, 24(2). Recuperado de https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/55438

Barreira, J., Casemiro, K. W., Angeli, J. F., Batista, A. B., & Santos, S. J. M. (2025). Desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil: Impacto das regulamentações na participação, desempenho e liderança esportiva. *Movimento*, 37, e31028.

Batista, A., Balzano, O. N., & Munsberg, J. A. S. (2025). Os desafios enfrentados por uma equipe de futebol feminino no Ceará: formação esportiva. *RBFF - Revista Brasileira De Futsal E Futebol*, 17(67), 45–58. Recuperado de https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1493.

Bonfim, A. F. (2023). *Futebol feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941)*. São Paulo: Aira Bonfim.

Bourdieu, P. *O Poder Simbóli*co. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

Brasil (1941). *Decreto-lei nº 3.199*, 14 abr. 1941. Rio de Janeiro: Presidência da República. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del3199.htm#:~:text=exclusivamente%20de%20amadores.-,Art.,%C3%A0s%20entidades%20desportivas%20do%20pa%C3%ADs .

Bungenstab, G. C., Souza, J. de & Garcia, R. P. (2022). Para uma teoria do capital esportivo: conversações com Bourdieu e Lahire. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 48.

Cassiano, C. V. P., Rech, R., Hino, A. F., & Reis, R. S. (2017). Percepção de segurança no bairro e tempo despendido em frente à tela por adolescentes de Curitiba, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia, 20*(4), 688–701.

Champion, K. E., Parmenter, B., McGowan, C., Spring, B., Wafford, Q. E., Gardner, L. A., Thornton, L., McBride, N., Barrett, E. L., Teesson, M., & Newton, N. C.; Health4Life team. (2019). Effectiveness of school-based eHealth interventions to prevent multiple lifestyle risk behaviours among adolescents: A systematic review and meta-analysis. *The Lancet Digital Health, 1*(5), e206–e217.

Confederação Brasileira de Desportos Escolares. (2025). *Futsal:* boletim n.º 6 (Jogos Escolares Brasileiros – JEBs/2025). Uberlândia, MG. Recuperado de https://www.cbde.org.br/wp-content/uploads/2025/10/Boletim-6-Futsal-JEBs-2025.pdf

Dantas, M. de M. (2022). Jogadores-Peça, Jogadores-Produto e Jogadores-Empresa: elementos para a compreensão de diferenças geracionais nas categorias de base de futebol. *Revista Desenvolvimento Social*, vol. 28, n. 1.

Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. (1941). Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro: Presidência da República. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decretolei/19371946/del3199.htm#:~:text=exclusivamente%20de%20amadores.,Art.,%C3%A0s%20entidades%20desportivas%20do%20pa%C3%ADs.

De Souza Júnior, O. M., & Darido, S. C. (2002). A prática do futebol feminino no ensino fundamental. *Motriz.* 8(1), 01-09.

Dias, L. G. de A., Menezes, N. M. S., Pereira, J. de M. & Evangelista, K. C. M. (2021). A percepção de atletas do Aliança Futebol Clube acerca de suas trajetórias no contexto do futebol de mulheres em Goiás. *Praxia*, Goiânia, v. 3, e2021010.

Furlan, C. C., & Oliveira, M. T. de. (2023). "Lugar de mulher é onde ela quiser": Futebol feminino e (in)visibilidades das mulheres no cenário brasileiro. *Esporte e Sociedade*, 16(37).

Godoy, L. B. de. & Zaim-de-Melo, R (2024). Brincar ou não brincar na rua: eis a questão? *Conexões,* Campinas: SP, v. 22.

Ministério das Mulheres. (2025). *Futebol feminino em ascensão*: mais visibilidade, investimentos e protagonismo para as mulheres. Recuperado de https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2025/julho/futebol-feminino-em-ascensao-mais-visibilidade-investimentos-e-protagonismo-para-as-mulheres

Santos, S. L. A. (2024). A luta política pelo direito de jogar futebol: O futebol de mulheres da proibição à transição democrática. Recuperado de https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/21748/2/LutaDireitoJogarFutebol.pdf

Santos, A. (2022). *O "eixo Rio-São Paulo" e a desigualdade do futebol brasileiro*. Recuperado de https://www.leme.uerj.br/o-eixo-rio-sao-paulo-e-a-desigualdade-do-futebol-brasileiro-2/.

Scaglia, A. J. (1999). *O futebol que se aprende e o futebol que se ensina* [Dissertação de Mestrado] Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.

Secretaria de Estado da Assistência Social e da Cidadania de Sergipe. (2025). *Sergipe alcança menor índice de pobreza em mais de uma década*. Recuperado de https://assistenciasocial.se.gov.br/sergipe-alcanca-menor-indice-de-pobreza-em-mais-de-uma-decada/.

Silva, G. M., Secco, H. A., & Nakano, T. de C. (2022). Percepção das atletas do futebol feminino em relação à prática da modalidade no Brasil. *Research, Society and Development*, *11*(7), e3511729418.

Souza, C. V. A., (2024). *Realidade do futebol feminino a partir do Campeonato Sergipano de 2024.* Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Brasil.

Stodden, D. F., Goodway, J. D., Langendorfer, S. J., Roberton, M. A., Rudisill, M. E., Garcia, C., & Garcia, L. E. (2008). A developmental perspective on the role of motor skill competence in physical activity: An emergent relationship. *Quest*, 60(2), 290–306.